

**VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação**

**13, 14 e 15
junho de 2022**

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | Nº. 1 | Ano 2022

Daniela Ramos¹

Daniela98ramosss@gmail.com

Laura Maria Marhold²

Lauramarhold@gmail.com

Vera B. P. Zimmermann Weber³

veraweber@setrem.com.br

**EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INFORMAÇÃO**

**FEMINISMO NEGRO: UM
MOVIMENTO QUE
TRANSFORMOU A
INSERÇÃO DE MULHERES
NEGRAS EM ÂMBITOS
SOCIAIS E EDUCACIONAIS.**

**BLACK FEMINISM: A
MOVEMENT THAT
TRANSFORMED THE
INSERTION OF BLACK
WOMEN IN SOCIAL AND
EDUCATIONAL SPHERES.**



RESUMO

Esse estudo buscou analisar como o feminismo negro se faz importante na vida de mulheres negras, principalmente, a partir de sua inserção e formação acadêmica. Destacamos a relevância da temática escolhida, reiterando a importância da representatividade em todas as esferas sociais, principalmente, nos campos educacionais, tendo em vista que esses espaços são fundamentais para a quebra de paradigmas e são, principalmente, caminhos para que haja lugares de fala em outros espaços. Portanto, para que fosse possível encontrar resultados, foi necessário utilizar as revisões bibliográficas e a revisão de literatura para que assim pudéssemos discorrer um fio histórico acerca do surgimento do feminismo negro e como este movimento vem ressignificando várias jornadas. Como já prevíamos, os índices encontrados sobre a inserção no meio universitário são muito baixos, e as que conseguem alcançá-lo se tornam referência para que as meninas negras vejam que é possível alcançar os seus objetivos. Portanto, destacamos como o movimento feminista negro é importante na vida dessas mulheres, pois ele é pensado para elas e para que alcancem todos os âmbitos sociais, onde sua postura, suas capacidades sejam reconhecidas e suas vozes sejam, finalmente, ouvidas.

Palavras-chave: Feminismo negro. Representatividade Formação acadêmica.

ABSTRACT ou RESUMEN

This study sought to analyze how black feminism becomes important in the lives of black women, mainly from their insertion and academic training. We highlight the relevance of the chosen theme, reiterating the importance of representation in all social spheres, especially in the educational fields, considering that these spaces are fundamental for breaking paradigms and are, mainly, ways for there to be places of speech in other spaces. Therefore, in order to find results, it was necessary to use the bibliographic reviews and the literature review so that we could discuss a historical thread about the emergence of black feminism and how this movement has been resignifying several journeys. As we predicted, the rates found on the insertion in the university environment are very low, and those that can achieve it become a reference for black girls to see that it is possible to achieve their goals. Therefore, we highlight how important the black feminist movement is in the lives of these women, because it is thought for them and to reach all social spheres, where their posture, their abilities are recognized and their voices are finally heard.

Keywords: Black Feminism. Representativity. Academic formation.



1. INTRODUÇÃO

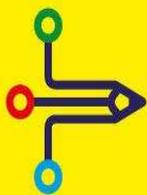
O presente artigo foi desenvolvido a partir de recortes de um Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de Pedagogia, onde foram abordadas perspectivas relacionadas ao feminismo negro e como ele foi um movimento importante durante a história para que as mulheres negras conseguissem adentrar ambientes sociais e, principalmente, ter uma formação acadêmica.

Em uma construção histórica e social a mulher é denominada como o sexo frágil. O lugar de mulher era dentro de casa, sendo mãe e esposa. Diante desses aspectos históricos, o feminismo busca quebrar esses paradigmas, tendo em vista destacar que lugar de mulher é onde ela quiser. Mas, contrastante a isso, temos as mulheres negras que, historicamente, não eram vistas nem como pessoas.

O feminismo negro surgiu justamente para destruir essa universalização da mulher porque é necessário compreender que mulheres nunca estiveram em posições iguais, Djamila Ribeiro (2018, p.45) reafirma essa perspectiva em um de seus escritos, “o discurso universal é excludente porque as mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir gênero com um recorte de classe e raça, levando em conta a especificidade de cada uma”.

Diante disso, enquanto o feminismo reivindica que lugar de mulher é onde ela quiser, o feminismo negro luta para que mulheres negras sejam, pelo menos, percebidas dentro de uma sociedade que é, historicamente, racista, discriminatória e excludente. A partir dessa perspectiva de invisibilidade que permeia a nossa sociedade até hoje, destacamos a importância de desenrolar um fio histórico buscando compreender como o feminismo negro foi necessário ao longo da história para que mulheres negras ocupassem outros lugares além daqueles que vemos nos livros.

Portanto, para que fosse possível reafirmar a pesquisa e justificar a importância do movimento feminista negro na formação das mulheres negras, utilizamos o instrumento de coleta de dados, a revisão integrativa, que consiste em análise mais detalhada da busca por artigos que será feita com base nos descritores escolhidos. “Este



método de pesquisa permite a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo (MENDES, 2008, p.759)”. A partir de uma pesquisa realizada em bases de dados, como *Scielo*, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES, onde através de uma busca pelas palavras-chaves: Movimento feminista negro. Mulheres negras no ensino superior. Representatividade. Lugares de fala. Encontramos quinze arquivos, sendo eles treze artigos e dois livros, dos quais selecionamos cinco, que consideramos pertinentes para a revisão de literatura.

2. DESENVOLVIMENTO

Os passos das mulheres, em especial das mulheres negras, envolvem uma longa construção histórica que perpassou por muitos anos de lutas por direitos e principalmente por voz, para que pudessem ser ouvidas e tivessem o seu lugar de fala reconhecido.

Partindo dessa premissa, optamos por um caminho metodológico de leituras, que se deu por uma revisão de literatura, onde buscamos o nosso aporte teórico, sendo ela uma pesquisa qualitativa, com caracterização explicativa, esse caminho nos possibilitou ler, refletir e construir ideias e novos pensamentos acerca da temática escolhida, como bem pode-se ver no decorrer deste artigo.

Quando falamos de história, de reivindicações, sabemos que para isso acontecer um movimento precisou ser criado e muitas mulheres precisaram lutar por seus direitos, bem como, pelos direitos de outras mulheres. Em busca de conhecer um pouco da história das mulheres negras e compreender como tudo isso aconteceu e como foram os seus desdobramentos alguns pontos são importantes e merecem destaque.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Como pontapé inicial para as nossas leituras, reflexões e análises, temos o artigo intitulado “Feminismo Negro”, escrito por Halina Leal, no ano de 2020, o qual descreve um pouco da história do feminismo, algumas interfaces, bem como a posição social em



que a mulher negra está no contexto histórico e infelizmente na atualidade ainda é algo perceptível.

Inicialmente nos leva a uma viagem sobre a história do movimento feminista negro, fazendo-nos pensar sobre as experiências obtidas nesse processo, apontando pontos positivos e negativos sobre ele. Diante disso, nos traz relevantes informações de como foi vista a necessidade de se abranger as mulheres negras, de se criar um movimento que lutasse pelos seus interesses e não apenas os das mulheres brancas da classe média e da alta.

O objetivo do Feminismo Negro é o desenvolvimento do empoderamento das mulheres negras, tendo em vista o que Collins denomina de justiça social ou o que Davis salienta como modificação das estruturas sociais. Este empoderamento não é direcionado pura e simplesmente para conquistas individuais, mas às coletividades de mulheres negras que desenvolvem um entendimento de sua condição social e política, de sua história e de suas variadas habilidades, autoafirmando-se e trilhando caminhos de superação das condições impostas pela dominação. (LEAL, 2020).

As lutas de mulheres brancas e negras eram distintas, enquanto mulheres brancas lutavam por direito ao voto, as “outras” lutavam pelo direito à humanidade, estas outras que estavam em um não-lugar, eram as mulheres negras. Justamente por esses fatos viu-se que haviam muitos pensamentos hegemônicos reducionistas, que não se importavam com as opressões e o racismo que vinha sendo enfrentado pelas mulheres negras, tanto que estas não eram consideradas frágeis, pois sempre estiveram à frente do trabalho, independente do que fosse e da força que precisasse.

Outro fato bem importante que é apontado pela autora é no que diz respeito às lutas dentro do movimento feministas negros, pois ali podia-se ver uma hierarquização, onde as questões raciais eram mais importantes do que as de gênero, pelo fato de que, respectivamente, as questões de raça e as dificuldades enfrentadas socialmente estavam ligadas apenas aos homens, e as questões de gênero as mulheres brancas, reafirmando o não-lugar da mulher negra por enfrentar dilemas e processos sociais muito maiores do que os discutidos.

Finalizando o artigo, ela nos remete a interseccionalidade que é defendida pelo movimento feminista negro, que nos faz refletir sobre a inseparabilidade do patriarcado,



sexismo e do racismo, fatores que permanecem ligados e impedem que haja uma “evolução humana” em todo o mundo.

O segundo artigo analisado, intitula-se "Lélia Gonzalez e o papel da educação para o feminismo negro brasileiro", escrito por Michely Pires de Andrade, no ano de 2018. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde a autora utilizou as escritas de uma das mais importantes ativistas do movimento feminista negro, Lélia Gonzalez, além de outros autores.

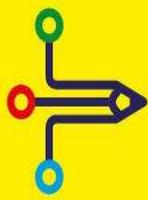
Puxando um fio histórico sobre a história do movimento feminista negro, ela vai discorrendo sobre a trajetória percorrida e as principais bandeiras levantadas por elas, dando ênfase a questão do acesso à educação.

Outro ponto levantado e muito discutido pela autora está na questão de pensarmos em uma Pedagogia descolonizadora, que leve em consideração a verdadeira história dos negros e não apenas a escrita na visão da sociedade branca, bem como que os negros não sejam ligados apenas a escravidão, que se estude a história na íntegra e em diferentes pontos de vista.

Finalizando o artigo a autora dá um fechamento a sua linha de raciocínio, trazendo o discurso de Sojourner Truth, fazendo uma comparação entre o que as mulheres brancas buscavam (direito ao trabalho e ao voto) e o que as mulheres negras buscavam (direito a condição de humanidade). Dando ênfase que é preciso conhecer mais a fundo a história e as lutas de cada classe social, bem como ter uma consciência de classe, que seja descolonizadora.

Relacionado ao que se trata ao acesso e permanência de mulheres negras na universidade, foi analisado o artigo intitulado “Uma investigação sobre as trajetórias de mulheres negras na universidade pública”, escrito por Monalisa da Silva Alcântara e Paulo Roberto da Silva Júnior, no ano de 2020.

Nesse artigo os autores destacam que muitas das dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras são oriundas do período colonial, bem como, da escravidão, onde mesmo após a abolição, as mulheres negras eram destinadas somente para trabalhos domésticos.



Se o lugar de mulheres negras na sociedade foi pré-estabelecido historicamente, a partir do momento que elas começam a tomar lugares que, histórica e socialmente, eram vistos como um “não lugar”, a estrutura social historicamente imposta começa a se modificar.

O acesso à educação quando se trata de mulheres foi um processo longo e demorado, mas, se tratando de mulheres negras esse processo foi muito mais lento doloroso por conta da exclusão social, pois, como se não bastasse a opressão por conta da raça, também há a opressão por conta de gênero. Logo, esses fatores agiram de forma conjunta reduzindo os espaços que mulheres negras eram aceitas, diferentemente das mulheres brancas.

A questão da escolarização das mulheres negras e o distanciamento existente entre elas e as mulheres brancas. Apesar de atualmente o nível de escolaridade ser maior entre mulheres do que entre homens, a categoria de raça evidencia a diferença entre mulheres brancas e mulheres negras. (ALCÂNTARA; JÚNIOR, 2020, p.148).

Partindo dessa premissa, o acesso e permanência dessas mulheres no ensino superior foi e ainda é um processo de resistência. Primeiramente porque no processo de escolarização já se percebe uma discrepância muito grande, essa diferença é permeada, principalmente, pelas desigualdades sociais. Logo, esse déficit desde o ensino básico reflete fortemente no ingresso ao ensino superior, se unindo com as questões de preconceitos e desigualdade social. E, por último, quando há o acesso, as condições de permanência são diferentes, pois, muitas precisam trabalhar durante o dia e estudar durante a noite, o que pode impactar na qualidade da aprendizagem. E outro aspecto são as questões vinculadas ao preconceito e ao racismo estrutural que é enraizado em nossa sociedade há séculos e em muitos âmbitos sociais ele continua sendo reproduzido.

Mas, em contrapartida, os autores descrevem que apesar dos fatores que implicam no acesso de mulheres negras às universidades, nos últimos anos esse acesso vem aumentando de forma gradativa. E esse feito é graças às ações afirmativas, as quais



corroboram e priorizam políticas públicas. Dentre essas ações afirmativas estão as cotas sociais que foram consolidadas no ano de 2012 de acordo com a Lei N° 12.711¹.

Diante de todos esses aspectos, os autores reforçam a importância de conhecer, compreender e refletir acerca da trajetória das mulheres negras no acesso e permanência no ensino superior, tendo em vista que elas estão, finalmente, ocupando espaços que são de todos, mas que por conta de uma construção histórica e social tinham o acesso vedado por questões raciais e de gênero.

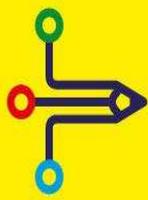
Dando sequência nos estudos sobre as mulheres negras no ensino superior, adentrarmos as questões dessas mulheres como docentes trazemos o artigo intitulado “Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas”, escrito por Maria Aparecida dos Santos Crisostomo e Marcos Antonio dos Santos Reigota, publicado no ano de 2010.

Este artigo foi baseado em uma pesquisa com três professoras da cidade de Sorocaba em São Paulo, fazendo relação com vários teóricos. Também nos apresenta dados gerais sobre o percentual atual de mulheres negras nas universidades, como algo a ser refletido e discutido, pois sabemos que a nossa sociedade é majoritariamente afro-descendente e os percentuais são aquém a esse percentual.

O artigo aborda e traz muitos dados sobre como as mulheres negras de pele mais clara, consideradas mais perto das mulheres brancas, foram tidas como alvos fáceis da “domesticação”, ou seja, eram destinadas a serem donas de casa e não tinham o direito de buscarem por outras alternativas. O artigo também nos traz que, atualmente, a situação da mulher negra está cada vez mais alarmante, o nível de escolaridade mais baixo, tendo que trabalhar mais, dando maior abertura para o racismo.

Segundo o artigo, o Brasil é um dos países onde os índices de mulheres negras dentro das universidades são baixíssimos, para isso temos que lembrar a principal luta do movimento feminista negro, que por uma garantia de sobrevivência, de humanidade

¹De acordo com dados fornecidos pela SEPPIR (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, em 2014 o percentual de vagas destinadas aos negros era de 21,51%. Com a inserção da lei de cotas já foram abertas 150 mil vagas para que os negros pudessem adentrar as universidades.



e, justamente por esse fato, é que perguntamos como faremos para evoluir como seres humanos se continuamos reproduzindo os sistemas e pensamentos dos antepassados.

Por último temos o estudo intitulado “Saberes e pertencimentos espelhados: quando uma professora negra fala sobre feminismo negro” escrito por Débora Sirno Santos e Luciana Oliveira Dias, publicado no ano de 2019.

Esse estudo caracteriza a importância da representatividade e de lugares de fala, tendo em vista a construção de identidade em espaços de reprodução de conhecimento. Nesse sentido, a problemática se deu a partir da ausência de docentes negras em um curso de pós-graduação na Universidade Federal de Goiás. A partir disso, as autoras buscam compreender o que motiva essa ausência, bem como, reforçar a importância da representatividade de mulheres negras em espaços de tomadas de decisões e de poder e que, conseqüentemente, fortalecem suas identidades.

As autoras apresentam números retirados do Censo de 2014 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que revelam que a população negra representa 53,6% da população brasileira. Esse dado se torna preocupante quando nos deparamos com a realidade de um país em que a desigualdade social atinge, principalmente, pessoas negras. Concomitante a isso, há um baixo nível de representatividade nos âmbitos sociais, e em casos de mulheres negras, é uma realidade ainda mais excludente.

Voltando para a problemática citada anteriormente a qual aponta a ausência de docentes negras em um curso de pós-graduação, as autoras abordam também uma observação que foi feita durante as aulas de uma disciplina que é denominada Epistemologia e Feminismo Negro que é ministrada por uma professora negra. A partir dessa disciplina muitos conceitos e revisões históricas foram estudados, reforçando a importância de compreender a trajetória de mulheres negras. Tendo em vista que a turma era formada majoritariamente por pessoas brancas, muitos dos assuntos se tornaram desconfortáveis, mas, também, reflexivos, o que levou uma série de discussões e pautas importantes no que se refere a importância de a mulher negra estar em diversos âmbitos sociais para que haja, de fato, uma representatividade.



Ao fazer a observação das aulas, as autoras destacam que o destino da mulher negra foi pré-estabelecido há muitos anos, mas que quando existem mulheres negras permeando lugares de fala e de poder, como a universidade, por exemplo, esse paradigma é quebrado e desestrutura toda uma sociedade que está imersa em discursos racistas e discriminatórios.

4. RESULTADOS

Diante de todo esse contexto, se faz necessário perceber que as vozes de mulheres negras precisam ecoar por todas as esferas sociais, destacando o campo educacional, pois, é nesse meio que há produção e reprodução de conhecimento, indagações, reflexões e, principalmente, construções de identidade. É preciso desnaturalizar estigmas que permeiam por anos a nossa sociedade causando uma deslegitimação e silenciando causas importantes.

Depois de analisar todos estes artigos, e refletir sobre todo este processo que muitas vezes fica invisível ao mundo, percebemos a necessidade de descrever sobre as nuances que se apresentam a respeito do que o movimento feminista negro fez e continua fazendo para que as mulheres adentrem e permaneçam nas universidades, bem como nos mais variados espaços sociais.

5. CONCLUSÃO

Com a ampliação do Feminismo Negro e a criação dos Movimentos Feministas Negros, principalmente pelas vozes das Ativistas, que foram o ponto chave para que esse movimento obtivesse sucesso, muitas mulheres conseguiram ter as suas vozes ouvidas, suas reivindicações atendidas, assim como é posto pela autora Leal (2020, online)

A partir da tomada de consciência que o uso do conceito possibilita, ele se configura como possibilidade eficaz de enfrentamento do discurso dominante, por meio da promoção da multiplicidade de vozes. Estas vozes apresentam-se como potencialmente capazes de quebrar o discurso autorizado e que se pretende universal.

Se ressignificar, adentrar as universidades, mudar suas perspectivas, por vezes ainda é muito associado apenas ao financeiro, mas é importante frisar que vai muito além



disso. As mulheres negras, ainda hoje, ocupam a base da pirâmide social, com salários baixos, pouco acesso à universidade, à justiça e, inclusive, são as que mais estão expostas a todas as formas de violências possíveis. (ALCÂNTARA; JÚNIOR, 2020, p.140).

Portanto, a mudança de vida está fortemente associada a alcançar posições e espaços que se você contasse para os seus antepassados eles diriam que nunca seria possível, é sobre representar e ser uma ponte para que outras mulheres se sintam representadas e consigam alçar novos voos, tendo em vista desmitificar atitudes oriundas de um passado marcado pelo silêncio e pela invisibilidade.

Por estes motivos, compreendemos que o movimento feminista negro se faz necessário, porque ele é feito de mulheres negras para mulheres negras, tendo como objetivo a ascensão dessas mulheres em todos os âmbitos sociais, onde suas posturas, suas capacidades sejam prestigiadas e suas vozes sejam, finalmente, ouvidas.

6. REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Monalisa Silva de; JÚNIOR, Paulo Roberto da Silva. 2020. Uma investigação sobre as trajetórias de mulheres negras na universidade pública. **Revista AMAzônica: UFAM**.

ANDRADE, Michely Peres de. 2018. Lélia Gonzalez e o papel da educação para o feminismo negro brasileiro. **Revista Intertérios**. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/intertorios/article/view/236738>. Acesso em: 03 Maio 2021.

CRISOSTOMO, Maria Aparecida dos Santos; REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. 2010. Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas. **Revista da Avaliação da Educação Superior**. Disponível em: <https://doaj.org/article/8c96a57c9ddb4a9599201a05d6c7ef04>. Acesso em: 03 Abr. 2021.

LEAL, Halina. 2020. Feminismo Negro. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 6, n. 3, p. 16-23. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-negro/>. Acesso em: 11 Mar. 2021.

MENDES, Karina Dal Sasso. 2008. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem**. São Paulo: Campus da USP.

RIBEIRO, Djamila. 2018. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Editora Jandaíra. ISBN: 978-85-98349-68-8.

SANTOS, Débora Sirno; DIAS, Luciana Oliveira. 2019. Saberes e pertencimentos espelhados: quando uma professora negra fala sobre feminismo negro. **Humanidades e**



VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação

13, 14 e 15
junho de 2022

Inovação.

Disponível

em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1824>.

Acesso

em: 23 Abr. 2021.

Daniela Ramos¹

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Três de Maio – SETREM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras pela UNIFACVEST. Pós-graduanda em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Especial pela Faculdade São Luís. Assessora Pedagógica na 21º CRE - Três Passos.

Laura Maria Marhold²

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Três de Maio – SETREM. Pós-graduanda em História e Cultura Afro-brasileira pela UNIASSELVI.

Vera B. P. Zimmermann Weber³

Licenciatura em Biologia. Pós-graduação em Psicopedagogia pela URI Santo Ângelo. Mestrado em Educação nas Ciências pela UNIJUI. Docente nos cursos de Enfermagem e Pedagogia na Faculdade Três de Maio – SETREM.